

# Nikolai Lugansky



GULBENKIAN  
MÚSICA

02 dez 2019

# Ciclo de Piano

**02 DEZEMBRO**  
**SEGUNDA**  
20:00 — Grande Auditório

## Nikolai Lugansky Piano

IMAGEM DE CAPA: © MARCO BORGGREVE — NÄÏVE-AMBOISIE

### Claude Debussy

#### *Suite bergamasque*

1. *Prélude*
2. *Menuet*
3. *Clair de lune*
4. *Passepied*

#### *Images* (Livro II)

1. *Cloches à travers les feuilles (mélancolie diffuse)*
2. *Et la lune descend sur le temple qui fut*
3. *Poissons d'or*

#### *L'Isle joyeuse*

INTERVALO

### Alexander Scriabin

#### Estudos op. 8 (seleção)

1. *Allegro*
2. *A capriccio con forza*
4. *Piacevole*
7. *Presto tenebroso, agitato*
8. *Lento (Tempo rubato)*
10. *Allegro*
11. *Andante cantabile*

#### Sonata para Piano n.º 2, em Sol sustenido menor, op. 19, “Sonata-Fantasia”

*Andante*  
*Presto*

### César Franck

#### Prelúdio, Coral e Fuga

MECENAS  
MÚSICA E NATUREZA

THE  
NAVIGATOR  
COMPANY

MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA  
CASA  
Museu de Arte, Teatros e Concertos

MECENAS  
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 1h 50 min.  
Intervalo de 20 min.

# Claude Debussy

## Suite bergamasque

COMPOSIÇÃO: 1890 / 1905  
DURAÇÃO: c. 17 min.

Claude-Achille Debussy foi um compositor marcante para o século XX, tendo-se assumido como um dos pilares do Modernismo francês. A *Suite bergamasque* foi composta originalmente em 1890, mas seria publicada apenas em 1905, desconhecendo-se até que ponto terá sido entretanto revista, e de que modo isso terá influído no significativo avanço estilístico que a obra representa relativamente à sua música para piano da década de 1880. Esta suite constitui um tributo do compositor aos cravistas do Barroco francês, e o seu título remete, por um lado, para o mundo da *commedia dell'arte*, e por outro, para Verlaine, cujo poema *Clair de lune*, que Debussy musicou em duas ocasiões, alude a “masques e bergamasques”. O *Prélude*, em Fá maior, é uma peça de caráter festivo, plena de contrastes dinâmicos e colorísticos. À nobreza da secção de abertura sobrevém um momento mais profundo, em Lá menor, antes do regresso ao vigor inicial. Segue-se o *Menuet*, em Lá menor, que na verdade se encontra algo distante do estilo do minuete tradicional. A delicadeza expectável dá aqui lugar a um tema de cariz jocoso, que contrasta com a atmosfera misteriosa da secção central. Por sua vez, o *Clair de lune*, em Ré bemol maior, peça que originalmente era designada *Promenade sentimentale*, vem reinventar o modelo do noturno de Chopin, estando concebida também numa forma ternária, com uma secção central mais movimentada a produzir um certo contraste com os gestos silenciosos e as texturas nebulosas do início e do final.

Saint-Germain-en-Laye,  
22 de agosto de 1862  
Paris, 25 de março de 1918



CLAUDE DEBUSSY EM 1911 © DR

Para a sua atmosfera mágica e sugestiva contribuem os contornos vagos do fraseado, a ambiguidade da harmonia, a sutileza da métrica e a fluidez do ritmo. Por fim, o *Passepied*, em Fá sustenido menor, é, tal como no caso do *Menuet*, uma evocação aparente e fantasiosa de uma forma de dança, uma vez que, para além do andamento mais rápido do que o equivalente barroco, decorre não no expectável compasso 3/8, mas antes em 4/4, o que trai as suas origens como *Pavane*, que aliás era o título original da peça.

## Images (Livro II)

COMPOSIÇÃO: 1907  
DURAÇÃO: c. 14 min.

Foi em 1894 que, pela primeira vez, Debussy deu o título *Images* a uma série de peças para piano, as quais, no entanto, logo rejeitaria, mantendo-se inéditas até 1977, ano em que foram publicadas como *Images oubliées*. Mas em breve retomaria a ideia, depois de entretanto ter começado a explorar novos meios para a tradução musical de impressões visuais.

A conceção da nova série de *Images* para piano – a não confundir com as *Images pour orchestre* (1905-12) – parece remontar a 1901, e em 1903 tinha já definida a lista dos títulos para as seis peças, que depois de terminadas seriam publicadas em dois livros, em 1905 e 1907. O 2.º Livro de *Images* abre com *Cloches à travers les feuilles (mélancolie diffuse)*, uma peça inspirada num relato de um antigo costume no Dia de Todos os Santos na região do Jura, de acordo com o qual, antes da missa pelos mortos, o som dos sinos das igrejas é ouvido no silêncio da noite, por entre as florestas. A peça evoca essa ideia sonora, limitando-se quase exclusivamente a um nível dinâmico reduzido, a padrões rítmicos diferenciados, a escalas de tons inteiros, e às sonoridades e harmonias pentatónicas do gamelão javanês. Os sinos são representados no início por meio de uma escala de tons inteiros, que marca toda a construção da peça, sendo elaborada de modo complexo num intrincado entrelaçamento de partes que exige bastante do intérprete, em termos de equilíbrio de linhas. Após um episódio central contrastante, de grande brilhantismo, regressam as sonoridades fantasiosas. Segue-se *Et la lune descend sur le temple qui fut*, que evoca a imagem de um templo inexistente, cujos contornos assomam apenas à medida que a luz da lua desce sobre a cena. O luar é representado pelas dissonâncias brilhantes do início, e a forma vaga do edifício pelas harmonias paralelas, pelas sonoridades flutuantes e pelo melodismo fragmentário, numa exploração de uma orientalizante sensação de estase a que não é alheia, mais uma vez, o efeito de gamelão. No último painel do tríptico, *Poissons d'or*, o compositor pretende representar os movimentos impulsivos de duas grandes carpas, pintadas numa placa japonesa de laca preta que se encontrava pendurada numa das paredes do seu escritório, criando uma peça brilhante e virtuosística que faz uso alargado das suas mais recentes descobertas harmónicas.

## L'Isle joyeuse

COMPOSIÇÃO: 1904  
DURAÇÃO: c. 6 min.

Debussy compôs *L'Isle joyeuse* em 1904, e a peça seria estreada já em 1905, pelo célebre pianista Ricardo Viñes. Um dos fatores de inspiração poderá ter sido uma circunstância da vida pessoal – a sua fuga com Emma Bardac para a Ilha de Jersey –, mas a referência principal parece ter sido um quadro de Antoine Watteau, intitulado *Pèlerinage à l'île de Cythère* (1717). A pintura representava uma viagem à ilha de Citera, o local que, segundo a crença da Antiguidade, tinha assistido ao nascimento de Afrodite, a deusa do amor, e que nesse sentido foi consagrado ao culto dessa divindade, simbolizando, portanto, os prazeres amorosos. O compositor concebeu a peça num único andamento – uma forma sonata bastante modificada –, aproximando-se um pouco do tipo de experimentação formal que Chopin opera nas suas baladas. Estilisticamente, *L'Isle joyeuse* comporta vários dos elementos mais característicos da maturidade do compositor, tais como as sonoridades paralelas, as estruturas de tons inteiros, as múltiplas camadas de som, os efeitos atmosféricos e a fragmentação melódica. A exposição inicia-se com uma cadência elaborada na ambiguidade de um contexto de tons inteiros. Surge um 1.º tema, agora no âmbito de um modo lídio sobre lá, e ainda um 2.º tema, no quadro de Lá maior, apesar das novas inflexões ao modo lídio. Após uma secção de exploração a vários níveis, tem lugar a recapitulação dos temas, encerrando a peça com um gesto lisztiano que põe fim à exultante explosão de alegria.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

# Alexander Scriabin

## Estudos op. 8 (seleção)

COMPOSIÇÃO: 1894  
DURAÇÃO: c. 18 min.

As primeiras obras de Scriabin revelam a consistente assimilação de uma linguagem musical plenamente romântica, em que se faz sentir a influência esmagadora de Chopin e Liszt. Entre as obras mais bem-sucedidas da sua primeira fase criativa contam-se os 12 *Études*, op. 8, compostos em 1894, peças que no seu conjunto são bem demonstrativas do seu sofisticado domínio da referida herança, explorando de modo exaustivo os mais variados aspetos da técnica virtuosística do instrumento. O n.º 1, *Allegro*, em Dó sustenido maior, centra-se numa figuração nervosa em tercinas, de que ambas as mãos se ocupam. Já o n.º 2, *A capriccio con forza*, em Fá sustenido menor, sugere um arabesco oriental, com a sua melodia exótica e angular, e com a sua polirritmia constante (sobretudo cinco contra três). O n.º 4, *Piacevole*, em Si maior, baseia-se no mesmo tipo de figurações polirrítmicas, decorrendo agora numa atmosfera tranquila e algo nostálgica. Por sua vez, o n.º 7, *Presto tenebroso, agitato*, em Si bemol menor, consiste numa corrida sombria e sinistra, com a exigente movimentação da mão esquerda. O n.º 8, *Lento (Tempo rubato)*, é uma canção terna e melancólica, com requisitos técnicos mais modestos, e o n.º 10, *Allegro*, em Ré bemol maior, opõe as notas duplas da mão direita (sobretudo terceiras) à figuração harpejada da esquerda, num autêntico exercício de bravura. A presente seleção encerra com o n.º 11, *Andante cantabile*, em Si bemol menor, um momento íntimo e lúgubre.



ALEXANDER SCRIBABIN © DR

## Sonata para Piano n.º 2, em Sol sustenido menor, op. 19, “Sonata-Fantasia”

COMPOSIÇÃO: 1892-1897  
DURAÇÃO: c. 12 min.

No contexto da produção composicional de Scriabin, as dez Sonatas para piano constituem um bom testemunho da evolução da sua linguagem musical e da sua conceção da tonalidade. A Sonata n.º 2, em Sol sustenido menor, op. 19, também intitulada “Sonata-Fantasia”, composta entre 1892 e 1897, revela a ascendência estilística do romantismo de Chopin e Liszt, a par de uma certa influência impressionista. De facto, as futuras inovações do compositor não passavam ainda de sombras. O 1.º andamento, *Andante*, inicia-se com efeitos de eco, ao que se segue uma passagem mais lírica. As frases fragmentadas e os conflitos harmónicos do desenvolvimento conduzem a um ponto culminante, após o que ressurgem o lirismo, agora sobre um acompanhamento mais complexo. O próprio compositor revelou que, neste andamento, pretendeu representar uma visão noturna do mar sereno, bem como a agitação das suas águas profundas e a aproximação do luar. O andamento final, *Presto*, construído também numa forma sonata, descreve a agitação tempestuosa do oceano, com a sua figuração num movimento perpétuo e o efeito ondulatório produzido pelos sucessivos *crescendi* e *diminuendi*.

# César Franck

Liège, 10 de dezembro de 1822  
Paris, 8 de novembro de 1890

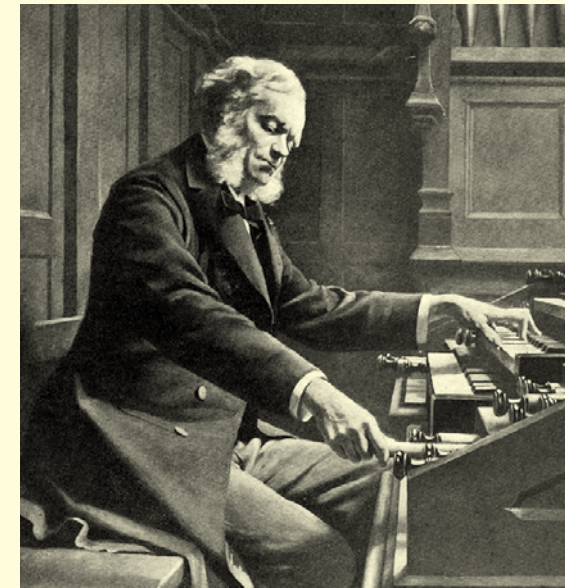
## Prelúdio, Coral e Fuga

COMPOSIÇÃO: 1884  
DURAÇÃO: c. 18 min.

César Franck foi uma das principais figuras da vida musical francesa na segunda metade do século XIX. Depois de ter dedicado os primeiros anos da sua vida de pianista prodigioso à criação de música para piano, destinada ao universo do salão e da exibição virtuosística o estabelecimento em Paris, em 1846, e a assunção, no ano seguinte, do primeiro de vários cargos como organista, levá-lo-iam a desinteressar-se do instrumento. A ele regressaria apenas em 1884, com outra maturidade, para se dedicar àquela que seria uma das obras mais profundas da música francesa no século XIX, o *Prelúdio, Coral e Fuga*. A peça foi dedicada à jovem pianista virtuosa Marie Poitevin, que a estreou na Salle Pleyel, em Paris, a 24 de janeiro de 1885, ano em que também foi publicada. De acordo com Vincent d’Indy, discípulo de Franck, a ideia original seria a de escrever um prelúdio e fuga, segundo o modelo de Bach – que Franck vinha conhecendo profundamente na sua atividade como organista –, e a decisão de incluir uma secção central viria mais tarde. Esta parte, o Coral, tornar-se-ia no âmago emocional da obra, e é nela que se revela particularmente a sombra das sonoridades organísticas. A obra baseia-se em duas ideias motivicas principais, constituindo um bom exemplo da prática franckista da forma cíclica. No Prelúdio, *Moderato*, em Si menor, uma melodia expressiva surge, num gesto típico do género, por entre repetidas figurações harpejadas, e envolvido numa linguagem harmónica bastante

cromática, até que é declamado o primeiro motivo essencial, de carácter lamentoso. Dois acordes modulatórios introduzem o Coral, *Poco più lento*, em Mi bemol maior, no qual surge o segundo motivo essencial: uma quarta descendente preenchida por graus conjuntos. Longos harpejos fazem ressoar quase todo o âmbito do teclado, criando uma sensação aural próxima da reverberação do som no interior de uma catedral. Um curto episódio, *Più Allegro*, centrado numa curta figura de três notas, opera a transição para a Fuga, em Si menor, elaborada sobre o motivo de quarta, aqui tortuosamente explorado num contexto de riqueza textural e contrapontística, antes de uma coda que se inicia exasperada e termina jubilante.

CÉSAR FRANCK AO ÓRGÃO. JEANNE RONGIER, 1885 © DR



NOTAS DE LUÍS M. SANTOS



# Nikolai Lugansky

Piano



© MARCO BORGREVE - NAVE-A-MORISSE

Nikolai Lugansky combina a elegância interpretativa com um apurado virtuosismo. Encarnando a grande tradição russa nos palcos internacionais, é reconhecido como um mestre do repertório russo e do romantismo tardio, destacando-se as suas interpretações de Rachmaninov, Prokofiev, Chopin e Debussy. Recebeu numerosos prémios pelas suas gravações e pelo seu mérito artístico. Nikolai Lugansky apresenta-se regularmente com as mais importantes orquestras mundiais, sob a direção de maestros de renome como Y. Temirkanov, K. Nagano, C. Dutoit, M. Pletnev, G. Nosedá ou V. Jurowski. É também uma presença regular nos principais festivais de música, incluindo Aspen, Tanglewood, Ravinia e Verbier. No domínio da música de câmara, colabora regularmente com Vadim Repin, Alexander Kniazev, Mischa Maisky ou Leonidas Kavakos. Em 2019/20, para além do regresso de Lugansky à Gulbenkian Música, destacam-se os recitais no Concertgebouw de Amesterdão, no Konzerthaus de Viena, no Tonhalle de Zurique e no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris. Para além de várias apresentações

na Rússia, estão previstas digressões nos E.U.A. e em Itália. O ano de 2019 incluiu ainda a sua 23.ª apresentação consecutiva no Festival de La Roque d'Anthéron. Em concerto, colabora com a Filarmónica de Seul, a Philharmonia Orchestra (Londres), a National Symphony Orchestra (Washington D.C.), a Sinfónica de Lucerna, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Orquestra Nacional da Bélgica e a Filarmónica da Radio France. Nikolai Lugansky estudou na Escola Central de Música de Moscovo e no Conservatório de Moscovo. No início da sua carreira foi premiado em vários concursos internacionais. Em 2013 foi distinguido com o título de "Artista do Povo da Rússia". Em junho de 2019 recebeu o Prémio Nacional de Literatura e Arte da Federação Russa, em reconhecimento da sua contribuição para o desenvolvimento da cultura musical clássica. É professor no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo desde 1998. É também o Diretor Artístico do Festival Rachmaninov de Tambov e está associado à Casa-Museu Rachmaninov de Ivanovka, onde atua regularmente. A sua extensa discografia foi várias vezes distinguida com os principais prémios internacionais.

## Juntos na paixão pela cultura

**Acreditamos no impacto que a cultura tem, pois ela é essencial no desenvolvimento de uma sociedade.** Um dos desafios da PwC Portugal passa por acrescentar valor aos nossos clientes através de um serviço de qualidade nas áreas de auditoria, assessoria de gestão, fiscalidade e formação de executivos.

Conheça-nos melhor em [www.pwc.pt](http://www.pwc.pt).

A PwC é uma network com...

 158  
países

 236.235  
colaboradores

 736  
escritórios

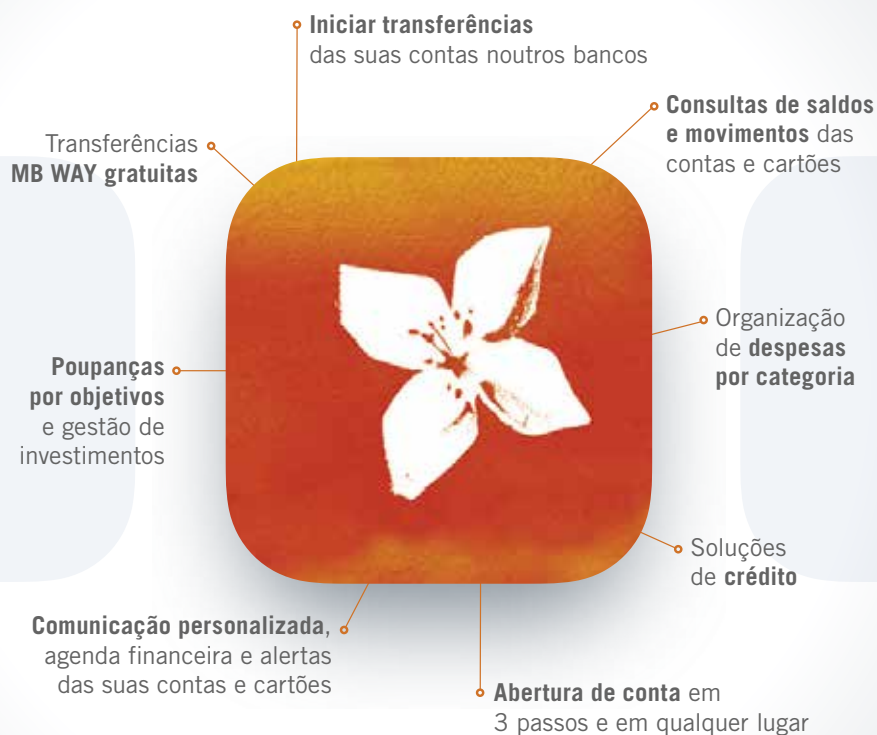


[pwc.pt](http://pwc.pt)



# Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.

PROGRAMAS E ELENÇOS  
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

## A BPI App tem <sup>quase</sup> tudo.

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.  
Saiba mais em [bancobpi.pt](http://bancobpi.pt)



DIREÇÃO CRIATIVA  
Ian Anderson  
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE  
The Designers Republic

TIRAGEM  
500 exemplares  
PREÇO  
2€

Lisboa, Dezembro 2019

